

Guerra em “tempos de paz”¹

Augusta Gerchmann²

“Os homens não são meus semelhantes. Eles são aqueles que me olham e que me julgam; meus semelhantes são aqueles que me amam e que não me olham, que me amam contra tudo, que me amam contra a degradação, contra a baixeza, contra a traição, a mim e não ao que eu fiz ou farei, aqueles que me amariam tanto quanto eu me amaria – inclusive até o suicídio”

(André Malraux como citado em Albert Camus, *A guerra começou, onde está a guerra?* 2014/1942, p. 37)

“É bem menos difícil experimentar a infelicidade”. (Freud, 1930/2010b, p. 31)

Resumo: O trabalho versa sobre a natural exigência humana de contar com o auxílio de um semelhante para atender suas necessidades e como forma de dominar suas pulsões, inicialmente caóticas. A partir da tessitura freudiana, discorreremos acerca do desenvolvimento sexual infantil e do fundamental trabalho psíquico de recalçamento das pulsões, que, aliadas aos aspectos inatos e herdados, compreendem a condição para que o sujeito psíquico se torne sujeito da cultura. Devido à inexorável intersecção entre as pulsões no interior de cada ser humano e sua aptidão para viver em sociedade, abordamos a questão da “guerra em tempos de paz”, considerando o desejo de dominação e de poder, bem como a prevalência de pulsões mais destrutivas no interior de cada indivíduo.

¹ Trabalho original apresentado no XXVII Congresso da FEBRAPS, em Belo Horizonte, 22 de junho de 2019.

² Psicóloga, Psicanalista, Membro Titular em função didática pela SBPdePA.

Palavras-chave: Guerra. Laços afetivos. Natureza humana. Pulsão de destruição. Sublimação.

O tema deste artigo me remete à obra *A verdade das mentiras* (2003/2007), de Mario Vargas Llosa, dedicada a ensaios sobre grandes clássicos da literatura mundial. Na introdução, o autor destaca que os romances mentem porque não podem fazer outra coisa, mas que isso é só uma parte da história: mentindo, expressam curiosa verdade, que só pode se expressar escondida, disfarçada do que não é, por tratar-se de algo muito sensível. Justifica que os homens não estão satisfeitos com o seu destino e, ricos ou pobres, inteligentes ou medíocres, desejariam ter uma vida diferente da que vivem. A ficção surge para trapacear esse sentimento, para que o ser humano tenha uma vida distinta da que não se conforma em ter. “No embrião de todo romance ferve um inconformismo, pulsa um desejo insatisfeito” (Vargas Llosa, 2003/2007, p. 13) – e essa contrariedade se fará presente assim em tempos de guerra como em tempos de paz.

Em 1915, Freud questionava-se sobre a atitude das pessoas frente à morte: “os povos-indivíduos de fato se menosprezam, se odeiam, se execram, e isso também em períodos de paz, cada nação fazendo o mesmo, é algo certamente enigmático” (Freud, 1915/2010a, p. 229). Apontava a inevitável inclusão do humano no reino animal e destacava o emprego da violência no conflito de interesses entre os homens, gerando uma dicotomia entre direito e poder.

Em resposta à Einstein, que, na condição de membro do comitê para a cooperação intelectual da “Liga das Nações”, precursora fracassada da Organização das Nações Unidas (ONU), convidara-o a pensar o que poderia ser feito para livrar os homens da fatalidade da guerra, explica a hipótese de existirem duas classes de pulsões, uma derivada de Eros, que tende a conservar e unir, e outra, cognominada pulsão de destruição, que procura destruir e matar. Acrescenta que pela atuação conjunta ou contrária das duas ordens de pulsão surgem os fenômenos da vida, uma classe de pulsão amalgamada à outra, o que é próprio da natureza do humano. A atuação de somente uma das pulsões seria motivo de desintegração, uma vez que o ser humano não pode viver somente de amor, sob pena de não encontrar satisfação em outras searas da existência e de perder o próprio interesse por esta. Porém, é no predomínio da pulsão de destruição que o autor encontra o maior risco de extinção da vida, na medida em que não se pode neutralizar as tendências agressivas do homem. De todo modo, reconhece que essas tendências agressivas contribuem, em certa monta, para a sua ambição, sem a qual não progrediria. É na intensidade e na indiferença frente ao semelhante que a pulsão de destruição alcança seu objetivo.

Assim, os laços afetivos amorosos conservam a união entre os membros de uma comunidade, sendo essa ligação emocional derivada da identificação entre eles, sentimentos comuns que sustentam os pilares da **sociedade humana**. Diferentemente, o motor da guerra está no abuso da “autoridade”, pela excessiva desigualdade entre os homens, divididos em castas – líderes e seus dependentes –, em poder e submissão, em violência e intimidação.

O uso da inteligência, do pensamento, contribui para o interdito cultural e para a proteção contra a guerra, entretanto, essa mesma capacidade intelectual pode transformar-se – e, com efeito, muitas vezes se transforma – em uma arma, uma ameaça de submeter os menos favorecidos, usando de força física na ausência de atributo.

A aptidão para a cultura – capacidade do indivíduo mudar as pulsões egoístas por influência de Eros – é fruto de um aspecto inato que se soma às vivências adquiridas, considerando-se o desenvolvimento sexual infantil e a ação do recalçamento, ambos influenciados pela educação. A inteligência, quando bem instrumentada, trabalha em benefício de um bem comum, através de uma ética que coíbe ações mais destrutivas, consideradas, até certo ponto, elementos naturais que habitam o interior de cada ser.

Ao longo da tessitura freudiana, esclarece-se a importância do semelhante na constituição do ser humano. Desde o *Projeto para uma psicologia científica* (1950/1988), no qual parte da premissa de que “o desvalimento inicial do ser humano é causa de todos os motivos morais”, Freud é contundente ao demonstrar o papel fundamental do auxiliador alheio para o sujeito incipiente, como meio de promover uma ação específica e gerar experiência de satisfação, deixando marcas, registros mnêmicos. Em seus três ensaios de 1905, vemos como a sexualidade vai brotando e se revelando como construção de um psiquismo regido inicialmente pelo princípio do prazer que, gradativamente, cede lugar ao princípio de realidade (Freud, 1911/2004a), não sem antes aceder à condição de “*his majesty the baby*” (Freud, 1914/2004b/)³. A pulsão, por sua vez, é despertada no encontro da necessidade do Eu incipiente com seu semelhante, o auxiliador alheio. Compreende a identificação primária como primeiro laço emocional, relação afetiva com o semelhante, mas ambivalente desde o início. Do encontro

³ André Green, no livro *Ideas directrices para un psicoanálisis contemporáneo*, em capítulo específico sobre a destrutividade sobre o objeto, diferenciou agressividade de destrutividade. Para o autor, a agressividade está ligada ao sadismo, correspondendo ao referencial freudiano, aos períodos sádico oral e sádico anal. Diferentemente, na destrutividade prevalece uma dimensão narcisista, em que o destruidor aniquilar o narcisismo de seu objeto. Nesse sentido, para Green, tratar-se-ia mais de uma questão de onipotência do que de gozo, acrescentando que o desinvestimento do objeto poderia comportar a satisfação de destruí-lo, fazendo o sujeito sentir que não existe (Green, 2005).

do outro com a demanda do sujeito, nasce a pulsão deste último, passo necessário para que o “**animal humano**” se torne “**sujeito psíquico**”, transformando o instinto – biológico – em pulsão – exigência de trabalho que o corpo impõe ao psíquico. O que era exclusivamente da ordem da necessidade se amplia com a erotização do corpo e com o reconhecimento das zonas erógenas, construindo o **SER do humano**.

Sabemos que a situação descrita acima é o paradigma de um desenvolvimento que podemos considerar normal. Entretanto, a tarefa de vir a ser um **sujeito da cultura**, cujas pulsões menos nobres são exitosamente coartadas, não é tarefa fácil; além dos aspectos constitucionais, as vivências inaugurais fundamentam os pilares da complexa edificação, tornam-se a **condição humana** e determinam suas ações. No desenvolvimento, o que é da **ordem da natureza** necessita de interdito para ingressar na **ordem da cultura**.

Características afins, lembranças encobridoras que se conservam vivas no inconsciente, são caminhos já facilitados para serem atraídos por “estímulos desconhecidos” – *unheimlich* – que vêm “de fora” (do inconsciente) e atingem a consciência, em busca de uma nova satisfação – ou de uma repetição. O recalçamento é condição para que a satisfação da pulsão polimorfa caia no esquecimento do período da sexualidade infantil e, em seu lugar, o sujeito amadurecido integre as pulsões parciais sob o primado genital e seja capaz de amar e trabalhar, sabendo conduzir-se ora sozinho, ora em grupo, isto é, viver socialmente.

Lévi-Strauss (1979/1991) salienta que a descontinuidade entre a natureza e a cultura, por parte de sociedades primitivas, pode explicar a resistência ao desenvolvimento e coloca em risco o valor atribuído às artes civilizatórias, descobrimentos que separam a humanidade da animalidade.

Em *Nossa atitude perante a morte*, Freud (1915/2010a) conjectura a permanência de povos primitivos na Terra, mais chegados ao homem primevo, pelo fato de serem imunes à influência da cultura. Para ele, “[a]s aspirações éticas da humanidade, cujo vigor e importância não carece discutir, são uma conquista da história humana; em medida infelizmente muito instável, tornaram-se patrimônio herdado do homem de hoje” (Freud, 1915/2010a, p. 241).

Nesse caminho, propõe, em *Dostoiévski e o parricídio* (1928/2014), que a condução ética da vida incide num interesse prático da humanidade, exemplificando com as invasões bárbaras, “tempo das migrações”, em que assassinatos em massa eram seguidos não de interditos, mas de atos de expiação, que autorizavam, ao fim e ao cabo, sua recorrência. Ao traçar o perfil de Dostoiévski, identifica neste as características essenciais de um criminoso:

ilimitado egoísmo e tendência destrutiva, além de uma hipotética ausência de amor e de apreciação afetiva pelo semelhante. Pela sua história, entretanto, ele teria justos motivos para manifestar ódio e desejo de vingança, porém, dirige suas inclinações destrutivas para a narrativa de suas estórias e, sobretudo, para sua própria pessoa, ora expressando seu sadismo, através de intolerância pelos seus leitores, ora transformando no seu oposto, cuja pulsão masoquista transparece em solicitude, bondade e endividamento em jogos de azar.

Consideremos, na esfera pública, a relação do indivíduo que conquista, com o uso de seus instrumentos pessoais, um lugar de marcada influência, em que pode desempenhar uma função de liderança ao ser conduzido à posição de poder. Para explicar como esse processo ocorre, Freud toma dois grupos artificiais – o exército e a igreja –, analisa o poder do líder sobre o grupo, como representante de um Ideal – pai – protetor, e discorre sobre as táticas de persuasão utilizadas por esse líder sobre seus adeptos. Os líderes desses grupos conservam semelhanças entre si, possuem como que uma capacidade “hipnótica” de atrair os membros, são capazes de suggestionar aquele sujeito carente de seu semelhante, para dirigi-lo e protegê-lo, fazendo sentir-se um igual, pela via da imitação.

Esse processo ocorre, e é comum, no início da vida, sobretudo, pelo longo período de dependência infantil. Mais adiante, com a maturidade, a mesma qualidade da relação participa na escolha amorosa, o que nos leva a entender que a capacidade de ser suggestionado constitui um fenômeno primordial na vida psíquica do ser humano. Diz respeito ao investimento libidinal do sujeito no objeto, movimento de energia sexual sobre o objeto de amor, mas também necessário nas situações de atração que o líder exerce sobre seus membros, com meta sexual inibida. Todavia, reconhecemos que, em alguns casos, o sujeito pode conservar em seu âmago uma escolha homossexual e, portanto, narcisista, mascarada, através da idealização do líder, e, por parte deste, há uma grandiosidade delirante que encobre um vazio moral.

Esse discurso, em aparência próximo ao de protetor e redentor, é o mesmo que identificamos ao longo da História da Humanidade; contempla o conceito de estado mental fascista desenvolvido por Bollas (1992/1994), lembrando Mussolini e Hitler. No estado mental fascista, predomina uma ideologia, crença ou convicção, destinada a preservar sua certeza de eliminar quaisquer mecanismos mentais que revelam oposição. Como assevera Foucault (1997/2002, p. 35), “Todos nós temos um fascista na cabeça; e, mais fundamentalmente ainda: ‘todos nós temos poder no corpo’. E o poder – pelo menos em certa medida – transita ou transuma⁴ por nosso corpo”.

⁴ Tomar ou receber de outrem ou de outra coisa, transumir ensinamentos, doutrinas.

Dessa forma, dada a importância das identificações, o reconhecimento da liderança dependerá da inclinação do líder para dirigir os sujeitos de maneira agregadora e realizadora ou para deles se utilizar, mantendo-os o mais indiferenciados possível, como “uma massa”, tornando-se seu salvador. Quando colocado no lugar do “pai da horda”, o líder transforma os fiéis em seu rebanho, cega-os para que todos se unam e defendam objetivos egoístas, manipulando-os e utilizando falsas promessas para conquistar projetos pessoais, utilizando como arma o aniquilamento dos atributos do outro que podem, inclusive, tratar-se de traumas antigos e ideias delirantes.

Hannah Arendt aplica o termo “massa” para se referir a “. . . pessoas que, simplesmente devido ao seu número, ou à sua indiferença, ou a uma mistura de ambos, não podem se integrar numa organização baseada no interesse comum, seja partido político, organização profissional ou sindicato de trabalhadores” (Arendt, 1949/2000, p. 361). Essa “massa”, conforme a filósofa, normalmente se constitui de pessoas neutras, não influentes. A conquista dos movimentos totalitários entre as massas representa o fim das ilusões dos países democráticos, ilusão de que o povo participa ativamente das decisões do governo e simpatiza com um partido ou outro (Arendt, 1949/2000).

Chega a ser paradoxal, mas não menos verdadeiro, sabermos que segue vivo um homem pré-histórico no inconsciente de cada um, cujos impulsos, mesmo arrefecidos, estão prontos para entrar em erupção. Nesse sentido, Freud (1915/2010a, p. 228) acredita que “as pessoas mais argutas subitamente se comportam como imbecis, tão logo o discernimento buscado se defronta com uma resistência emocional, mas também voltam a compreender tudo quando essa resistência é superada”.

Decorrente da própria natureza, é comum o grupo trabalhar para colocar no poder aquele que melhor representa a força opressora do grupo. Poderão sentir-se protegidos justamente por esse atributo e, sobretudo, atraídos, ao mesmo tempo em que ameaçados e submetidos, já que a renúncia ao pulsional é consequência da angústia frente à autoridade externa. Renuncia-se à satisfação para não perder o amor do objeto, ou para evitar a agressão dessa autoridade externa. Esta renúncia poderá ser fruto daquilo que Freud identificou como agressão da consciência moral, conservando em seu âmago a agressão da autoridade.

Mostra-se patologicamente recorrente a situação de irrupção de guerras cuja iminência é negada justamente por aqueles que tinham capacidade para antevê-la. Não se deu de forma distinta com Freud (1915/2010a, p. 215), que se rende, no princípio da Primeira Grande Guerra, ao afirmar: “[a] guerra na qual não queríamos acreditar irrompeu, e trouxe a... desilusão”. Todo conflito dessa monta

tem em comum a destruição de laços comunitários entre os grupos combatentes, ameaçando deixar um legado de amargura por incontáveis gerações (Freud, 1915/2010a).

Vem à luz o fenômeno quase inconcebível de que os povos civilizados se conhecem e se entendem muito pouco, promovem ódio e repúdio entre seus semelhantes, porque seu objetivo é preservar o poder. A lucidez de Freud repousa no fato de que, após construir sua metapsicologia, questiona a construção humana do Estado, que, a despeito de pretender interditar a prática da violência entre indivíduos, para manter o monopólio da violência dita legítima, segue complacente ou mesmo propagador de conflitos que atingem justamente os indivíduos que visava defender.

Em tempos de guerra ou de paz, no âmbito profissional, societal, estatal ou internacional, assistimos e continuaremos a assistir, inexoravelmente, a debates e duelos que visam à assunção de posições de poder, batalhas com potencial para geração de uma hostilidade que só será refreada em cenários de ampliação de tolerância e escuta, de respeito pelas opiniões e pelos desejos alheios. Na formulação de Schumpeter (1961), trata-se do “autocontrole democrático”, que pode exigir dos indivíduos, por vezes, que permaneçam calmos e propensos ao diálogo, mesmo diante de ofensas aos seus ideais mais queridos.

No entanto, os achados e as observações de Freud (1915/2010a, p. 224) sobre a complexidade psíquica explicam seu pessimismo, ao lembrar que “existem muito mais hipócritas culturais do que homens realmente civilizados, . . . considerando necessário preparar o caminho, em cada nova geração, para uma transformação pulsional mais ampla, portadora de uma cultura melhor”.

As crises de pânico, as fobias, o medo de amar e a paranoia possuem, hoje, terreno fértil para proliferarem, expressando-se através de constantes ameaças que, lenta ou rapidamente, vão cruzando fronteiras e se estendendo, sem pedir licença. Ficamos despojados de qualquer base que nos assegure um espaço tranquilo e potencial, onde possamos criar através do respeito com o semelhante. Em consequência, instala-se a dor psíquica, lesão provocada pelo rompimento do laço íntimo com o outro e do respeito pelo próximo.

Nesse contexto, o semelhante se torna um desconhecido que, ao invadir a esfera alheia busca destruir, acabar com qualquer ligação, alimentar-se da devastação que provoca, sem deixar rastro. Espaço fértil para que a guerra irrompa em “tempos de paz”.

War in “times of peace”

Abstract: The paper concerns the natural human demand for aid from a fellow man in order to meet his needs and master his drives, initially chaotic. From the Freudian framework, we discuss the child sexual development and the fundamental psychic work of repressing drives which, along with the innate and inherited aspects, constitute the condition for the psychic subject to become a cultural subject. Due to the inexorable intersection between the drives within each human being as well as their ability to live in society, we address the issue of “war in times of peace” considering the desire for domination and power and the prevalence of more destructive drives within each individual.

Keywords: Drive of destruction. Emotional bonds. Human nature. Sublimation. War.

Referências

- Arendt, H. (2000). *Origens do totalitarismo* (Roberto Raposo, Trad., pp.355-375). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1949)
- Arendt, H. (2007). *Responsabilidad y juicio* (Miguel Candel, Trad.). Barcelona: Paidós Ibérica. (Trabalho original publicado em 2003)
- Bollas, C. (1994). *Ser un personaje* (Leandro Wolfson, Trad.). Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1992)
- Caygill, H. (2000). *Dicionário Kant* (Álvaro Cabral Trad., pp. 251) Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1995).
- Camus, A. (2014). *A guerra começou, onde está a guerra?* (Raphael A., & Samara G., Trad.). São Paulo: Ed. Hedra. (Trabalho original publicado em 1942)
- Freud, S. (1988). Proyecto de psicología. In J. L. Etcheverry (Trad.), *Obras completas* (Vol. 1, pp. 323-389). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1950).
- Freud, S. (2004a). Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico. In L. A. Hanns (Trad.), *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. 1, pp. 63-77). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1911)

- Freud, S. (2004b). À guisa de introdução ao narcisismo. In L. A. Hanns (Trad.), *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. 1, pp. 95-119). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (2004c). Pulsões e destinos da pulsão. In L. A. Hanns (Trad.), *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. 1, pp. 133-173). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (2010a). Considerações atuais sobre a guerra e a morte. In P. C. Souza (Trad.), *Obras completas* (Vol. 12, pp. 209-246). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (2010b). O mal-estar na civilização. In P. C. Souza (Trad.), *Obras completas* (Vol. 18, pp. 13-122). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S. (2010c). Por que a Guerra? (Carta a Einstein). In P. C. Souza (Trad.), *Obras completas* (Vol. 18, pp. 435). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1932)
- Freud, S. (2011). Psicologia das massas e análise do eu. In P. C. Souza (Trad.), *Obras completas* (Vol. 15, pp. 13-113). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (2012). Totem e tabu. In P. C. Souza (Trad.), *Obras completas* (Vol. 11, pp. 13-244). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1912-1913)
- Freud, S. (2014). Dostoiévski e o parricídio. In P. C. Souza (Trad.), *Obras completas* (Vol. 12, pp. 337-362). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1928)
- Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In P. C. Souza (Trad.), *Obras completas* (Vol. 6, pp. 13-172). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905)
- Foucault, M. (2002) *Em defesa da sociedade*. (Maria E. Galvão Trad., pp. 27-73). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1997)
- Green, A. (2005). *Ideas directrices para un psicoanálisis contemporáneo*. Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 2003)

Lévi-Strauss, C. (1991) *Antropologia estrutural – Mito, sociedade, humanidades*. Ciudad de México: Siglo Veintiuno Editores (Trabalho original publicado em 1979)

Schumpeter, J. A. (1961). *Capitalism, socialism and democracy*. New York. Harper and Brothers.

Vargas Llosa, M. (2007). *A verdade das mentiras* (Cordelia Magalhães, Trad.). São Paulo: Arx. (Trabalho original publicado em 2003)

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 28/04/2020

Aceito em: 04/05/2020

Augusta Gerchmann
Rua Florêncio Ygartua, 270 /1107
90430-010 – Porto Alegre – RS – Brasil
E-mail: augustagerchmann@hotmail.com